

# Cronópias canções:

( Léa Ferro )



“Os cronópios deixam as  
esperanças soltas pela casa!”

Do livro: Histórias de Cronópios e de  
Famas, de Julio Cortázar.

No amor e nas paixões, somos Cronópios, jamais seríamos Fama. “Os Cronópios deixam as esperanças soltas pela casa”.

Julieta é destas mulheres que quando se conhece o olhar fica perdido, vagando por estrelas brilhantes em céu muito escuro, como nas noites de São João, onde a fogueira anuncia que é noite de festa e as labaredas crepitam dentro de tudo.

Quando vi Julieta pela primeira vez meu coração fez uns barulhos estranhos, que eu não estava acostumada a ouvir. Causou alguns estrondos, relâmpagos, tempestades e eu me senti mergulhando na terra molhada uns sete metros, vendo raízes profundas, adubos, pedras e nascentes, igual a um raio. Fiquei completamente apaixonada e sem saber o que fazer quando as primeiras labaredas das noites juninas crepitaram dentro de mim.

Como uma tela renascentista, Julieta era algo que só poderia ser admirado ao longe, jamais tocado, sentido, mergulhado. Ela estava em um patamar, do qual meus degraus ainda não pareciam poder alcançar. Uma vez ousei subir um degrau, depois outro, no intuito de alcançar Julieta, mas ela

também subia alguns e continuava inalcançável. Ela parecia tão grande, tão toda, tão tudo e eu ficava pensando que jamais daria conta de tudo aquilo.

Ela tinha umas palavras mudas, uns silêncios e uns monossílabos demasiados que quando ela veio falar comigo pela primeira vez, eu fiquei embevecida. Embevecidíssima na verdade! Julieta tinha toda esta coisa dos superlativos saltando pelos olhos, dentes, boca, garganta. Fiquei montada em uma felicidade flutuante com aquela meia dúzia de palavras que ela me dirigiu, que eu me dei conta que estava perdida de fato para sempre com aqueles estrondos que insistiam em fazer morada em meu coração.

Julieta era toda uma coisa bonita, sexy, bem resolvida, realizada, independente, respeitada e tinha uns lábios que eram capazes de levar qualquer mortal à loucura. Uma vez roubei uma fotografia de Julieta e fiquei namorando aqueles lábios por um par de horas e imaginando quantos rastros de fogo aqueles lábios poderiam acender em mim.

Minha pele seria terra árida e os lábios dela seriam água que brota do ventre do mundo e sacia as sedes intermináveis.

Nunca tive muita coragem de rondar Julieta, ficava só observando, de longe, calada, muda, oca. Julieta era toda uma grandeza e eu só um bichinho assustado. Julieta beirava os quarenta anos, eu não tinha nem chegado ao respeitável trinta, nem uma balzaquiana era ainda para impor qualquer tipo de qualquer coisa que eu pensasse, Julieta tinha coleção de diplomas, de tristezas, de alegrias, uma vida completa, uma profissão que trazia reconhecimento e estabilidade e eu, que morava em um degrau qualquer, me desdobrava em dois empregos para pagar o aluguel.

Eram mundos tão distantes, cheios de quilometragem, difíceis de caminhar.

Não sei com exatidão em que momento Julieta e eu nos aproximamos e nos tornamos amigas, confidentes, simétricas, sólidas e passamos a trilhar o mesmo degrau.

Julieta perdeu um amor, eu também perdi, ela passou a brigar com um mundo dentro si, eu também. Passamos a compartilhar a dor dos amores perdidos, a mastigar a mágoa que corroía nossos ossos, a caminhar nos mesmos desertos que ressecavam nossos olhos entristecidos. Sem nos darmos conta já estávamos trocando palavras, cartas, bilhetes, melodias, livros, poemas, gravuras e segredos inconfessos. Um dia saímos da concha e nos revelamos pérolas, com todo um mar a nos banhar e a umedecer a secura indivisível de nossas almas calejadas. Aos poucos fomos retirando as bandanas das feridas sem receio de mostrar as cicatrizes, poderíamos fazer uma tatuagem etérea ou contar boas histórias nas madrugadas regadas a vinho e olhares furtivos.

Tornei-me refém da presença de Julieta em meus dias e noites, sem sentir vontade alguma de me libertar de suas garras, como se sofresse da síndrome de Estocolmo, feliz da vida por ter sido Julieta a raptar meus pensamentos. Julieta era a prisão mais livre que eu tivera o prazer de experimentar. Jamais usei máscaras ou subterfúgios em sua presença. Com Julieta eu poderia ser quem eu bem entendesse, que tudo ela achava bonito e completo.

Nos apaixonamos e ficamos cozinhando a paixão em banho maria por tanto tempo, que eu já nem sabia mais das horas, tampouco fazia questão de saber. Julieta se entregou a outros braços, eu me enfiei em outros lençóis. Voltamos a nos tornar monossílabas, distantes, confusas, amigas, jamais amantes. Voltamos a nos esbarrar nas paragens em meios às viagens da vida e a compartilhar canecas de café e belos versos rimados, às vezes sem rima.

Julieta era toda uma canção, com clavas e estrofes submersas em meu peito, cronopiana paixão que me acendia e me arrebatava sem fazer esforço. Bastava me dirigir o olhar ou me enviar alguma poesia para eu me derramar toda e completamente. Falávamos da paixão assim, meio sem jeito, meio poético, meio melodia, sempre nas entrelinhas, entreversos, entrelaços. Administrar a

paixão, quase platônica, em meio as redondilhas da vida era um entrevero danado, uma verdadeira peleja dentro de tudo.

Julieta era água que transbordava dentro de mim. Era leite de rio em tarde quente de verão. Era o álcool do vinho que me inflamava. Molhava todas as partes da carne, dos olhos, das noites. Era um sentimento fácil, difícil, calado, barulhento, sereno, estonteante. Julieta me fazia sentir tudo, me fazia sentir todos os desejos, me fazia uns versos que arranhava a minha pele e a minha voz.

As horas passavam fáceis com Julieta, nós nos perdíamos no tempo, não rascunhávamos o tempo e este mesmo tempo foi passando, na ordem natural das coisas, os anos ficaram mais bonitos com as nossas lembranças empilhadas e umas tantas risadas moldando os momentos.

Já se passaram mais de dez anos desde que meus olhos foram postos em Julieta pela primeira vez e eu me apaixonei, e ela se apaixonou e nós deixamo-nos levar por águas verdejantes, sem rumo, sem velas, sem remos, sem medos, seguimos à deriva dos desejos de nossas mãos, às vezes falamos desta paixão que consome, outras vezes compartilhamos pequenas delicadezas e nossos olhos se abraçam e eu sinto alguma paz nessa vida insana.

Ainda fico aqui e ali, perambulando dentro das noites e sonhando com aqueles lábios que desenham incêndios em meu ventre líquido e me explodem as tempestades.

Julieta é destas mulheres que quando se conhece o olhar fica perdido, vagando por estrelas brilhantes em céu muito escuro, como nas noites de São João, onde a fogueira anuncia que é noite de festa e as labaredas crepitam dentro de tudo.

Léa Ferro. 2017. SP.

[www.leaferro.com](http://www.leaferro.com)